

UM

No início do verão, os hóspedes vieram até ao isolado pavilhão de caça junto ao lago, convocados para o Manoir Bellechasse por convites em pergaminho, todos iguais, com os endereços escritos numa emaranhada caligrafia que mais parecia teias de aranha. Metidas nas caixas de correio, as pesadas folhas de papel tinham caído pesadamente no chão de imponentes casas de Vancouver e Toronto, e de uma pequena casa rústica de tijolo na aldeia de Three Pines.

O carteiro tinha atravessado a pequena aldeia do Quebec com o convite na sacola, dando tempo ao tempo. É melhor não te apressares demasiado com este calor, dizia de si para si, fazendo uma pausa para tirar o chapéu e limpar a cabeça que pingava. Regras do sindicato. Mas a verdadeira razão para a sua letargia não era o sol esplendoroso e dardejante, mas algo mais privado. Ele demorava-se sempre em Three Pines. Deambulava paulatinamente por entre os canteiros perenes de rosas, lírios e altaneiras campainhas. Ajudava os garotos a procurarem rãs no pequeno lago do parque. Sentava-se nos muros quentes de pedra a ver a vida correr na velha aldeia. Tudo isto lhe acrescentava horas ao dia de trabalho, o que fazia dele o último carteiro a regressar à estação. Os colegas riam-se e troçavam dele por ser tão lento, e ele desconfiava que era por isso que nunca tinha sido promovido. Tinha passado duas décadas ou mais a dar tempo ao tempo. Em vez de se despachar, deambulava pelas ruas de Three Pines, conversava com as pessoas que andavam a passear os cães e sentava-se muitas vezes com elas à porta do *bistro* a tomar uma limonada ou um *thé glacé*. Ou um *café au lait* em frente de uma fogueira crepitante, no inverno. Por vezes os habitantes, sabendo que ele estava a almoçar no *bistro*, iam lá buscar o correio e aproveitavam para dar dois dedos de conversa. Ele trazia-lhes notícias das outras aldeias por onde passava, qual menestrel itinerante dos tempos medievais, com novas da peste, da guerra ou de enxurradas, num outro lugar. Mas nunca aqui nesta aldeia tão pacífica e encantadora. Entretinha-se sempre a imaginar que Three Pines,

anichada entre montanhas e cercada pela floresta canadiana, vivia desligada do mundo exterior. Ou pelo menos assim parecia, o que era um alívio.

Por isso, dava tempo ao tempo. Neste dia, em particular, tinha um monte de envelopes na mão suada, e só esperava não estragar o papel grosso da carta de cima, tão perfeito e encantador. Nisto, a caligrafia atraiu-lhe o olhar e abrandou ainda mais o passo. Carteiro há várias décadas, sabia que entregava mais do que meras cartas, sabia que ao longo de todos estes anos tinha largado algumas bombas pelo caminho. Notícias maravilhosas: crianças acabadas de nascer, prêmios da lotaria, tias ricas e afastadas acabadas de morrer. Mas ele era um homem bom e sensível, e sabia que também era portador de más notícias. Cortava-lhe o coração pensar na dor que por vezes causava, especialmente nesta aldeia.

Sabia que o que segurava agora na mão era isso e muito mais. Talvez não fosse somente telepatia o que lhe dava tal certeza, mas também uma aptidão inconsciente para ler as caligrafias. Não simplesmente as palavras, mas o impulso por detrás delas. O simples e banal endereço com três linhas no envelope dizia-lhe mais do que onde entregar a carta. A mão que o escrevera era velha, ele sabia-o, e enferma. Tolhida, não apenas pela idade, mas pelo raiva. Nada de bom poderia vir desta coisa que ele segurava. E, de repente, só queria ver-se livre dela.

A sua intenção tinha sido ir até ao *bistro*, pedir uma cerveja bem gelada e uma sanduíche, conversar com Olivier, o proprietário, e ver se alguém vinha buscar o correio, porque também era um bocadinho preguiçoso. Mas de repente ficou cheio de energia e os habitantes da aldeia, boquiabertos, tiveram uma visão única, o carteiro apressado. Ele parou, deu meia volta e afastou-se do *bistro* com passadas enérgicas, em direção a uma caixa de correio enferrujada à frente de uma casa de tijolo fronteira ao parque da aldeia. Ao abrir a boca da caixa, ela gritou. Não podia censurá-la. Introduziu a carta e fechou rapidamente a portinhola ululante, um pouco surpreso até por a caixa amolgada de metal não se ter engasgado e cuspidado aquela coisa maldita. Ele já via as cartas como seres vivos e as caixas de correio como uma espécie de animais de estimação. E tinha feito algo terrível a esta caixa em particular. E a esta gente.

Mesmo que Armand Gamache tivesse os olhos vendados, teria sabido exatamente onde estava. Pelo aroma. Aquela combinação de fumo de lenha, livros antigos e madressilva.

“Monsieur et Madame Gamache, quel plaisir.”

Clementine Dubois saiu bamboleante da secretária da recepção do Manoir Bellechasse, de braços estendidos, com a pele pendente a adejar como asas tremulantes, aproximando-se deles, decidida, como uma ave ou um anjo decrepito. Reine-Marie Gamache foi ao seu encontro, mas sem

que nos seus braços se desenhasse a esperança de conseguirem enlaçar a avantajada mulher. Abraçaram-se e trocaram dois beijos na face. Depois de Gamache ter abraçado e beijado Madame Dubois, ela deu um passo atrás e ficou a observar o casal. Diante dela via Reine-Marie, baixa, nem gorda nem magra, cabelo a começar a ficar grisalho e um rosto que estava na meia idade de uma vida plenamente vivida. Era encantadora sem ser propriamente bonita. Era aquilo a que os franceses chamam *soignée*. Trazia uma saia justa azul escura até meio da perna e uma blusa branca impecável. Simples, elegante, clássica.

O homem era alto e de compleição forte. Cinquenta e tal anos, mas sem ter ainda engordado muito, e dava sinais de uma vida passada entre bons livros, comida deliciosa e passeios retemperantes. Tinha ar de professor, embora Clementine Dubois soubesse que não o era. O cabelo começava a enfraquecer e, onde antes fora escuro e ondulado, estava agora a rarear no alto da cabeça e a ficar grisalho sobre as orelhas e de lado, descendo levemente encaracolado até ao colarinho. Tinha a cara escanhoad, salvo um bigode bem aparado. Trazia um blusão azul marinho, calças cáqui e camisa azul clara, com gravata. Sempre irrepreensível, mesmo no calor intenso deste dia do fim de junho. Mas o mais marcante eram os olhos. Profundos, castanhos, calorosos. Emanava calma como outros homens emanam água de colónia.

“Mas estão com um ar cansado.”

Qualquer outro gerente de hotel teria exclamado: “Mas estão maravilhosos.” “*Mais, voyons*, nunca mudam, os dois.” Ou mesmo: “Estão mais jovens do que nunca”, sabendo como os ouvidos velhos nunca se cansam de ouvir isso.

Mas se os ouvidos dos Gamaches ainda não podiam ser considerados velhos, estavam de facto cansados. O ano tinha sido longo e os seus ouvidos tinham ouvido mais do que gostariam. E, como sempre, os Gamaches tinham vindo para o Manoir Bellechasse para deixarem tudo isso para trás. Enquanto o resto do mundo celebrava o Ano Novo em janeiro, os Gamaches celebravam-no no pino do verão, quando vinham para este lugar abençoado e retirado do mundo, para começar de novo.

“Estamos um bocadinho cansados”, admitiu Reine-Marie, deixando-se cair com agrado na poltrona da receção.

“*Bon*, bem, nós vamos já tratar disso. Agora mesmo.” Madame Dubois voltou com passo gracioso para a secretária, num movimento estudado, e sentou-se também no seu confortável cadeirão. Puxou para si o livro de hóspedes e pôs os óculos. “Ora onde é que os pusemos?”

Armand Gamache sentou-se na outra cadeira, ao lado da mulher, e entreolharam-se. Sabiam que, se procurassem suficientemente para trás naquele mesmo livro, iriam encontrar as suas assinaturas, uma vez em

cada ano, recuando até um dia de junho, mais de trinta anos atrás, quando o jovem Armand tinha feito poupanças e trazido Reine-Marie até aqui. Por uma noite. Tinham ficado no quartinho minúsculo das traseiras do velho e esplêndido Manoir. Sem vista para a montanha ou para o lago, ou sequer para os jardins perenes em flor, recém floridos de peónias e botões de rosa. Tinha poupado meses a fio, pois queria que a estada fosse especial, queria que Reine-Marie soubesse quanto a amava, quão preciosa era para ele.

E ali tinham dormido juntos pela primeira vez, com o doce aroma a floresta, a tomilho e a lilases a entrar de mansinho, quase visível, pela rede da janela. Mas o aroma mais doce de todos era o dela, fresco e cálido nos seus braços fortes. Tinha-lhe escrito um bilhete de amor nessa noite. Tinha-a tapado ternamente com o singelo lençol branco e ido sentar-se na estreita cadeira de baloiço, sem se atrever realmente a baloiçar, não fosse bater na parede atrás de si ou entalar as pernas na cama à sua frente perturbando o sono de Reine-Marie, e tinha ficado a vê-la respirar. Depois, tinha escrito no papel de carta do Manoir Bellechasse, *O meu amor não conhece...*

Como pode um homem ter tanto...

O meu coração e a minha alma despertaram para a vida...

O meu amor por ti...

Passou a noite a escrever e, na manhã seguinte, Reine-Marie encontrou o bilhete colado ao espelho da casa de banho.

Amo-te.

Clementine Dubois já nessa altura lá estava, gorda, bamboleante e sorridente. Já nessa altura era velha e todos os anos, ao ligar para fazer a reserva, Gamache receava ouvir uma voz fresca e desconhecida dizer: “*Bonjour, Manoir Bellechasse. Puis-je vous aider?*”. Mas ouvia sempre: “Monsieur Gamache, mas que prazer. Vem visitar-nos mais uma vez, espero?” Era como ir a casa da avó - se bem que esta fosse a avó mais imponente que ele tinha visto.

E enquanto Gamache e Reine-Marie tinham seguramente mudado, casado, tido dois filhos, e agora uma neta e mais um neto a caminho, Clementine Dubois parecia não envelhecer nem mirrar nunca. E o seu grande amor também não, o Manoir. Era como se os dois fossem um só, ambos afáveis e gentis, acolhedores e hospitaleiros. Misteriosa e deliciosamente imutáveis num mundo que parecia mudar tão depressa. E nem sempre para melhor.

“O que se passa?”, perguntou Reine-Marie, ao ver a cara de Madame Dubois.

“Devo estar a ficar velha”, disse ela, erguendo uns olhos violeta preocupados. Gamache sorriu, tranquilizador. Pelos seus cálculos, ela devia ter pelo menos cento e vinte anos.

“Se não tiver nenhum quarto livre, não se preocupe. Podemos voltar numa outra semana”, disse ele. Da casa deles, em Montreal, eram só duas horas de carro até aos cantões de leste.

“Não, eu tenho um quarto, mas estava a ver se tinha outro melhor. Quando telefonaram a reservar eu devia ter guardado o Quarto do Lago, o mesmo onde ficaram o ano passado. Mas o Manoir está completamente cheio. Uma só família, os Finneys, reservaram os outros cinco quartos. Estão cá...”

Calou-se de repente e baixou os olhos para o livro de hóspedes numa atitude tão comedida e incaracterística que os Gamaches se entreolharam.

“Estão cá...?” disse Gamache quando o silêncio já se alongava.

“Bem, não importa, há muito tempo para isso”, disse ela, erguendo de novo os olhos, com um sorriso tranquilizador. “No entanto, peço desculpa por não ter guardado o melhor quarto para os dois.”

“Se quiséssemos mesmo o Quarto do Lago, tê-lo-íamos pedido”, disse Reine-Marie. “Mas sabe como é o Armand, a sua paixão pela incerteza. Um aventureiro.”

Clementine Dubois riu-se, sabendo que não era verdade. Sabia que o homem que estava à sua frente vivia cada dia de vida com grande incerteza, e era por isso que ela queria tanto que as suas visitas anuais ao Manoir fossem rodeadas de luxo e conforto. E de paz.

“Nós nunca especificamos o quarto, madame”, disse Gamache, na sua voz grave e calorosa. “Sabe porquê?”

Madame Dubois abanou a cabeça. Há muito que sentia essa curiosidade, mas nunca tinha querido submeter os seus hóspedes a um tal interrogatório, especialmente deste teor. “Todos os outros o fazem”, disse ela. “De facto, esta família inteira até pediu upgrades gratuitos. Chegaram de Mercedes e BMW e pediram *upgrades* gratuitos.” Sorriu. Não maliciosamente, mas algo perplexa por gente que tinha tanto ainda querer mais.

“Nós gostamos de confiar no destino”, disse Gamache. Ela escrutinou-lhe o rosto para ver se estava a brincar, mas achou que provavelmente não estava. “Ficamos contentes com o que nos dão.”

E Clementine Dubois sabia que era verdade. Ela também era assim. Acordava sempre todas as manhãs ligeiramente surpreendida por ver nascer mais um dia, surpreendida por estar aqui, neste velho pavilhão de caça, nas margens cintilantes deste lago de água doce cercado de florestas e regatos, jardins e hóspedes. Esta era a sua casa e os hóspedes eram como família. Se bem que Madame Dubois soubesse, da maneira mais dolorosa, que nem sempre se pode escolher, ou gostar, da família.

“Aqui está”, disse, com uma velha chave de bronze a balançar na ponta de uma corrente comprida. “O Quarto da Floresta. Lamento, mas é nas traseiras.”